

ZARATUSTRAS É O ANTICRISTO? CONSIDERAÇÕES ACERCA DA APROXIMAÇÃO DO SENTIDO DA ESTRUTURA LINGUÍSTICA ENTRE ZARATUSTRAS E A LINGUAGEM BÍBLICA

IS ZARATHUSTRA THE ANTICHRIST? CONSIDERATIONS ABOUT THE APPROXIMATION OF THE SENSE OF THE LINGUISTIC STRUCTURE BETWEEN ZARATHUSTRA AND THE BIBLICAL LANGUAGE

Cassiano Carlos Antônio de Oliveira¹

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Pós-graduando em filosofia pela Universidade Estácio de Sá. Pós-graduando em Psicologia clínica-Psicanálise pela Universidade de Araraquara.

Contato:

Cassiano Carlos Antônio de
Oliveira
magodasbaquetas@hotmail.com

OLIVEIRA, Cassiano Carlos Antônio de. *Zarathustra é o Anticristo? Considerações acerca da aproximação do sentido da estrutura linguística entre Zarathustra e a linguagem bíblica*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 189-204, 2017.

RESUMO

É notável a maneira como parece haver uma convergência entre a linguagem bíblica e a linguagem usada por Nietzsche em Assim falou Zarathustra (2011). Mas até que ponto o sentido da linguagem bíblica converge ou diverge do sentido da linguagem de Zarathustra? Ambos utilizam recursos linguísticos parecidos (metáfora e retórica), mas até que ponto podem ser analisados através dos seus objetivos finais? Neste artigo vamos investigar, através das teorias de Ladrière (1977) e Austin (1990), como o uso dos recursos linguísticos anteriormente mencionados nos permitem avançar na discussão acerca do que é passível de ser analisado entre ambas linguagens. Contraporemos o conceito de self-involvement (autoimplicação) presente na análise do sentido da linguagem na bíblia à postura antidoutrinal de Zarathustra. O segundo ponto de discussão é a reflexão sobre a máxima cristã

Recebido em: 06/01/2018

Aceito em: 23/02/2018

“Deus existe” e a máxima nietzschiana “Deus está morto”. Ambas visam, em um primeiro momento, dizer algo sobre a implicação do homem em relação à divindade. Entrelaçando esses quatro pontos estará a investigação da semelhança entre Zaratustra e o Anticristo. Ambos percebidos como aqueles que falam a linguagem divina, mas para propósitos de subversão da mesma.

Palavras chave: Anticristo. Bíblia. Linguagem. Sentido. Zaratustra.

ABSTRACT

It is remarkable how there seems to be a convergence between the biblical language and the language used by Nietzsche in *Thus Spoke Zarathustra* (2011). But to what extent does the meaning of biblical language converge or diverge from the sense of Zarathustra’s language? Both use similar linguistic resources (metaphor and rhetoric) but to what extent can they be analyzed through their ultimate goals? In this article we will investigate through the theories of Ladriere (1977) and Austin (1990), as the use of the linguistic resources mentioned above allow us to advance in the discussion about what can be analyzed between both languages. We will oppose the concept of self-involvement in the analysis of the meaning of language in the bible the anti-doctrinal stance of Zarathustra. The second point of discussion is the reflection on the Christian maxim “God exists” and the Nietzschean maxim “God is dead”. Both aim at first to say something about man’s involvement in divinity. Intertwining these four points will be the investigation of the similarity between Zarathustra and the Antichrist both perceived as those who speak the divine language, but for purposes of subversion of it.

Key words: Antichrist. Bible. Language. Sense. Zarathustra.

INTRODUÇÃO

Quando o filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844/1900) escreveu sua obra “*Assim falou Zaratustra*” (2011), certamente não tinha em mente nenhuma semelhança com o teor messiânico da bíblia. Isto pode ser evidenciado ante o apelo forte-

OLIVEIRA, Cassiano Carlos Antônio de. *Zaratustra é o Anticristo? Considerações acerca da aproximação do sentido da estrutura linguística entre Zaratustra e a linguagem bíblica*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 189-204, 2017.

OLIVEIRA, Cassiano Carlos Antônio de. *Zaratustra é o Anticristo? Considerações acerca da aproximação do sentido da estrutura linguística entre Zaratustra e a linguagem bíblica*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 189-204, 2017.

mente anticristão da maioria de suas obras. Crítico voraz do cristianismo, Nietzsche coloca o leitor ante uma incógnita crescente na sequência da leitura do seu Zaratustra: apesar de sustentar nos seus escritos a forte crítica supracitada ao cristianismo, o filósofo alemão demonstra uma aproximação com a linguagem bíblica nessa obra.

Mas, para além das profecias ou criação de uma doutrina, Zaratustra repele os que desejam segui-lo, distanciando assim as aproximações com algum messias: “Retribui-se mal um mestre quando se permanece sempre e somente discípulo” (*Assim falou Zaratustra / Da Virtude Dadivosa*, 2011 p. 79). Torna-se necessário uma investigação a fim de analisar qual o sentido de uma aproximação insuspeita entre a linguagem bíblica e a linguagem usada por Nietzsche em “*Assim falou Zaratustra*” (2011).

Para além da discussão das possíveis aproximações de “*Assim falou Zaratustra*” (2011) com a linguagem bíblica, vamos investigar uma hipótese que a própria Bíblia nos apresenta. É sobre a linguagem do anticristo: “*Eles saíram do meio de nós, mas não eram dos nossos; pois se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco*” (*João 2: 18-19*). Assim, podemos pensar a figura de Zaratustra em relação à perspectiva do texto bíblico e com mais pertinência lembrarmos que o anticristo deve falar como Cristo. Os discursos tem de ser parecidos, utilizando os mesmos termos, não havendo, contudo, nenhuma relação entre ambos.

Para a discussão sobre o sentido da linguagem bíblica e de *Assim falou Zaratustra* (2011), recorreremos ao filósofo John Langshaw Austin (1911-1960) e sua obra: *Quando dizer é fazer* (1990). Com esta discussão vamos buscar subsídios que deem densidade a uma aproximação entre os sentidos linguísticos de ambos os textos. Investigar o sentido da linguagem em Zaratustra e na Bíblia, vai nos manter em consonância com a essência de ambas as obras, permitindo avançar na análise dos dois discursos e mantendo cada texto em uma posição que lhe é autonomamente própria.

O texto guiará o leitor através de uma perspectiva que mostrará não apenas similaridades entre as duas linguagens supracitadas, mas como essa semelhança, em sua maior parte, se dá através dos recursos linguísticos empregados por Nietzsche para metaforizar a linguagem bíblica partindo dessa para subvertê-la. Temos que levar em consideração para essa análise o desenvolvimento da “teoria dos atos” de Austin (1990). Essa teoria nos convida a pensar que, “... declarar é realizar um ato” (AUSTIN, 1990 p. 115). Quais atos buscam realizar-se de acordo com o sentido da linguagem bíblica e com a

linguagem de Zaratustra? Há semelhanças entre estes atos de acordo com a nossa interlocução com Austin? De que forma a declaração realiza um ato? Segundo o autor:

“... qualquer enunciado significa a realização de uma ação. Assim, todo proferimento é, simultaneamente, um ato locucionário, ilocucionário e perlocucionário, isto é, respectivamente, a enunciação de sons articulados e com significado; uma força proposital com vistas a garantir a apreensão daquilo que é dito e, por fim, o efeito intencional ou acidental sobre aquele que recebe o proferimento” (Austin 1990, p. 90).

Com exceção de algumas passagens sobre o Anticristo, não iremos utilizar na escrita desse artigo nenhum livro bíblico específico. A intenção não é mostrar através dos textos um paralelo entre profetas, apóstolos ou a própria figura de Jesus Cristo e a figura de Zaratustra. E a invocação da similaridade entre o anticristo e Zaratustra é feita exclusivamente para fins de evidenciar metaforicamente a polaridade conflitante presente entre as ideias do filósofo alemão e o cristianismo. Qualquer menção a algum trecho específico da bíblia, nos exime de qualquer aproximação literal que o leitor fizer em detrimento da diferenciação dos dois textos já expostos nessa introdução.

Um livro que é a base de uma das maiores religiões do mundo, com uma tradição milenar, a bíblia atravessa os mais variados contextos históricos e, mesmo assim, ainda continua a interpelar as discussões, sejam elas de que natureza forem. É um filósofo alemão, conhecido principalmente pela veemência das suas críticas ao cristianismo, criador de uma obra filosófica que alcança notoriedade mundial através da amplitude dos seus pensamentos. Na interlocução do sentido da linguagem bíblica com Zaratustra, almeja-se proporcionar uma aproximação de dois pensamentos que, mesmo sendo divergentes em quase tudo, podem encontrar um ponto em comum através das estruturas linguísticas de ambos.

2 O sentido da linguagem bíblica

Segundo Julião (2017), a palavra “Bíblia” deriva do grego *Biblion* (livro no singular) e *Biblos* (livros no plural). A bíblia é composta de 66 livros escritos por mais de 40 autores das mais variadas classes sociais e contextos históricos. É composta de dois testamentos: o antigo testamento e novo testamento. O primeiro foi elaborado pela comunidade judaica e preservado por mais de mil anos a.C. O

OLIVEIRA, Cassiano Carlos Antônio de. *Zaratustra é o Anticristo? Considerações acerca da aproximação do sentido da estrutura linguística entre Zaratustra e a linguagem bíblica*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 189-204, 2017.

OLIVEIRA, Cassiano Carlos Antônio de. *Zaratustra é o Anticristo? Considerações acerca da aproximação do sentido da estrutura linguística entre Zaratustra e a linguagem bíblica*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 189-204, 2017.

segundo foi composto pelos discípulos de Jesus no primeiro século d.C. A palavra *testamento* traduz a ideia de “aliança” e é tradução de palavras que significam “pacto” ou “acordo” entre duas partes. A Bíblia é dividida em dois contratos: o Antigo e o Novo Testamento. O antigo testamento é dividido em quatro blocos literários: Pentateuco (cinco livros), Históricos (12 livros), Poéticos (cinco livros) e Proféticos (17 livros). A seção de livros proféticos é subdividida entre Profetas Maiores (cinco livros) e Profetas Menores (doze livros). O novo testamento é dividido em quatro blocos: Evangelhos (quatro livros), História (um livro), Epístolas (21 livros) e Profecia. A seção de epístolas é subdividida entre Epístolas Paulinas (13 livros) e Epístolas Gerais (oito livros). A Bíblia foi dividida em capítulos por Stephen Langton (1150-1228), professor da Universidade de Paris e mais tarde arcebispo da Cantuária, no ano de 1227. E Robert Stephanus (1503-1559), impressor parisiense, acrescentou a divisão em capítulos e a divisão em versículos nos anos de 1551 e 1555.

Na apresentação da bíblia, é preciso deixar claro a pluralidade de mãos que a escreveram, traduziram, compilaram, e fizeram toda a confecção desta reunião de livros sagrados que resistem como base da doutrina cristã até hoje. Mas para os intentos do nosso texto, vamos tentar mostrar de uma forma mais acentuada o que Austin (1990) chama de “teoria do ato” na linguagem bíblica como um todo. Visto que analisar livro por livro demandaria um esforço que fugiria das intenções do presente estudo, tanto pelo tempo quanto pelo conteúdo, vamos nos ater ao compilado bíblico como um todo, com raros lampejos de destaque, em especial para as menções ao Anticristo.

Há na bíblia dois grandes “momentos” que são o antigo testamento e o novo testamento. Ambos dizem de duas formas de aliança feitas entre Deus e os homens. O primeiro por intermédio das instruções aos profetas (Abraão, Moisés, etc.) através do que conhecemos como antigo testamento. E o segundo através do sacrifício de Jesus Cristo (chamado filho de Deus), que conhecemos como novo testamento. Obviamente há outros livros e personagens entre os supracitados, mas esses alcançam o ápice para o conhecimento e perpetuação da história bíblica que atravessou os milênios. Qual o sentido encontramos na bíblia como um texto que, para além de resistir durante muitos anos, carrega ainda uma mensagem capaz de arrebanhar milhões de pessoas no mundo todo através da fé nas suas escrituras?

“Em um âmbito semântico, não é por ser verdadeira que a declaração “Deus existe” mobiliza, mas por ser dita por alguém com autoridade para tal; por

ser dita de determinado modo; em um contexto propício; por encontrar interlocutores predispostos, etc Não é o caso, entretanto, da dispensabilidade completa da questão da verdade, mas sim, da anterioridade relevante das “questões de sentido” (Ladrière 1977, p. 93).

Neste caso, o sentido final da bíblia é manter um vínculo com a máxima: “Deus existe”, atestada não pelo seu caráter de verdade, mas pelas variáveis que envolvem um enunciado desta magnitude e a sua mobilização a nível coletivo através do que Ladrière (1977 p. 93) chama de “questões de sentido”. Estamos aqui no cerne do que nos convoca para uma interlocução com Zaratustra. Este sentido que sustenta a máxima “Deus existe” será o núcleo da subversão metafórica operada por Nietzsche para perpetrar uma crítica ao próprio cristianismo por meio da sua própria linguagem.

Mas apenas dizer que “Deus existe” e perceber toda a força que essa máxima tem de acordo com a bíblia, não fecha o ciclo das análises de sentido do texto bíblico. Há ainda que se destacar o conceito de *self-involvement* (autoimplicação) discutido por Ladrière (1977). O contexto bíblico mostra o caráter autoimplicativo do uso linguístico, que, a princípio, é o da criação: Deus criou o homem (através do verbo operante) e comprometeu-se através deste ato e de acordo com (LADRIÈRE (1977, p. 111): “promete manter a ordem que criou”. Esse ato, todavia, não se apresenta na Bíblia apenas como um exercício de poder, mas, e este é um aspecto de suma importância, corresponde, conforme LADRIÈRE (1977, p. 113), a uma autoridade relativa: “a autoridade de Deus está ligada ao reconhecimento das criaturas”.

Não podemos deixar de reconhecer aqui um ponto importante a ser salientado: as alianças feitas com Deus na bíblia (antigo e novo testamento) não são as únicas. Há a aliança do “verbo” onde Deus compromete-se a cuidar da ordem que ele criou. O sentido derivado deste aspecto criacionista nos remete a um poder evidenciado na linguagem de que há uma aliança mais sutil também entre criador e criatura. Por isto se diz: “... o verbo se fez carne e habitou entre nós” (1 João: 14).

Outro ponto importante para se discutir o sentido da linguagem bíblica é o poder que carece a autoridade de Deus. Esse poder é incontestável e unilateral. Vemos isto nas manifestações diretas de Deus no curso da história bíblica, sobretudo no antigo testamento, com as pragas do Egito, a destruição de Sodoma e Gomorra, etc. Deus se mostra “ofendido” direta ou indiretamente através do desrespeito das suas palavras, do desvio do sentido operado pela nature-

OLIVEIRA, Cassiano Carlos Antônio de. *Zaratustra é o Anticristo? Considerações acerca da aproximação do sentido da estrutura linguística entre Zaratustra e a linguagem bíblica*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 189-204, 2017.

OLIVEIRA, Cassiano Carlos Antônio de. *Zaratustra é o Anticristo? Considerações acerca da aproximação do sentido da estrutura linguística entre Zaratustra e a linguagem bíblica*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 189-204, 2017.

za imperfeita dos homens. Neste sentido:

A performatividade da linguagem bíblica encontra precisamente aqui sua manifestação mais contundente: a autoridade veriditativa e exercitativa de Deus é um ato ilocucionário que, por consequência, desdobra-se também em um ato perlocucionário, isto é, em um efeito incerto. Tal abordagem semântica permite comparar o contexto banal de batizar um navio com a ação criativa de Deus (exceto que nesta é o sentido da existência que está em questão): da mesma maneira que aquele que batiza um navio precisa ter sua autoridade reconhecida, e somente assim gerar em outra pessoa uma força ilocucionária comissiva correlata ao ato original de batizar o navio, como, por exemplo, “me comprometo, a partir de então, a chamar o navio de Rainha Elizabeth”, também a criação divina pressupõe determinadas respostas por parte das criaturas. Tais respostas, se conotarem um engajamento, irão tanto ratificar a autoridade divina quanto consolidar a felicidade performativa do ato. A peculiaridade auto-implicativa da linguagem bíblica dá-se justamente através das respostas correlatas que os homens proferem frente a uma ação performativa de Deus. (LADRIÈRE, 1977, p. 113).

Dentro das perspectivas adotadas para a análise do sentido na linguagem bíblica através de Ladrière (1977) e Austin (1990), vamos refletir sobre o ponto convergente que é a relação que Deus estabelece com o homem. Essa relação é permeada pela linguagem, seja ela em detrimento da justificação da máxima “Deus existe”, ou através da auto-implicação da criatura em seu processo de aproximação do criador, ou até mesmo no poder exercido pelo criador através da sua autoridade de suas ações performativas.

Para cumprirmos com o rigor almejado a nossa análise entre o sentido do discurso bíblico e o de Zaratustra, estes aspectos da interpretação do sentido da linguagem bíblica nos proporciona o panorama ajustado para a interpelação de um ao outro. A máxima “Deus existe”, a auto-implicação e a autoridade de Deus sendo profanada através de um discurso similar ao do Anticristo, de acordo com o que propomos, são os ápices da inversão metafórica proposta por Nietzsche em Zaratustra. Dizer que “Deus está morto”, que não devemos nos implicar em nada do que diz respeito a esse Deus e a análise da semelhança entre Zaratustra e a figura do Anticristo são os pontos discutidos na próxima seção sobre o sentido da linguagem em Zaratustra.

3 O sentido da linguagem em Zaratustra

Este talvez seja o ponto mais melindroso da nossa análise, pois, assim como tivemos o zelo de não incorrer em parcialidades na

interpretação do sentido bíblico, buscaremos ser fidedignos aos textos nietzschianos a fim de não fazer nenhum forçamento descabido em relação a aproximação com o sentido da linguagem bíblica.

Nietzsche, tão feroz e veemente nas suas críticas ao cristianismo, utiliza um discurso que nos faz pensar na similaridade com a linguagem bíblica. Semelhança essa que causa espanto, pois qual seria a intenção de um filósofo extremamente crítico em relação ao cristianismo em usar qualquer tipo de recurso bíblico? Para esclarecermos esse ponto, é preciso deixar bem entendido a diferença entre “texto” e “palavra revelada”. Neste ínterim:

“Porém, a diferença fundamental... começa a delinear-se através da contraposição entre ‘texto’ e ‘palavra revelada’: uma vez que o texto tende a mostrar-se francamente vinculado ao corpo do qual ascende, a palavra revelada marca uma falsificação psicológica dessa origem e encobre os autores humanos da Bíblia. A consequência dessa falsificação impõe uma obediência irrestrita; uma fé absoluta. Em contrapartida, dirá Zaratustra: “[...] quem obedece *não escuta a si mesmo*””. (Leidens, 2015, p. 113-114).

Este é um dos pontos principais da diferenciação da palavra de Zaratustra com a linguagem bíblica. Todos os autores da Bíblia são encobertos pela posição assumida na relação com Deus. A imagem que ilustra a nossa asserção é a imagem do profeta. Na própria etimologia da palavra, profeta vem do termo grego *prophetes* que significa: mensageiro dos deuses. O profeta se despersonifica e passa a ser um emissário das predições divinas. Há um nível extremo de confiança e fé na obediência às palavras proferidas por Deus através do seu intermédio. Podemos entender *Assim falou Zaratustra* (2011), no sentido dessa análise, como um texto, na medida em que é evidente aquilo que este livro não é, ou seja, um discurso conceitual. Entretanto, Zaratustra firma-se como um texto, diferentemente de uma palavra revelada como no texto bíblico.

Feita a diferenciação entre “texto” e “palavra revelada”, continuamos nossa análise entre o sentido da linguagem bíblica e a linguagem de Zaratustra, falando sobre a máxima anunciada exhaustivamente em *A gaia ciência* (2001, § 125) de que “... Deus está morto”. A mesma autoridade que mobiliza alguém a dizer “Deus existe”, parece não existir em Zaratustra. Ele não quer interlocutores predispostos, até mesmo o subtítulo do livro deixa isso bem claro: “Um livro para todos e para ninguém”. Entre esta dupla face do sentido, tanto da linguagem bíblica quanto a linguagem de Zaratustra, um fato importante não pode passar despercebido em nossa análise: a intenção do sentido na linguagem bíblica é usar o seu texto para

OLIVEIRA, Cassiano Carlos Antônio de. *Zaratustra é o Anticristo? Considerações acerca da aproximação do sentido da estrutura linguística entre Zaratustra e a linguagem bíblica*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 189-204, 2017.

OLIVEIRA, Cassiano Carlos Antônio de. *Zaratustra é o Anticristo? Considerações acerca da aproximação do sentido da estrutura linguística entre Zaratustra e a linguagem bíblica*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 189-204, 2017.

arrebanhar seguidores, pautado no ato de proferimento das palavras dos homens escolhidos por Deus. A intenção de Nietzsche no sentido da linguagem de Zaratustra é apresentar um dos seus principais conceitos que é o de *Übermensch* (super-homem, ou além do homem). Neste ponto da interpretação do sentido das linguagens, ambos buscam uma espécie de mudança no homem, cada um a seu modo. A bíblia pode ser interpretada como sendo um projeto de Deus para o homem. Zaratustra pode ser interpretado como um projeto para homens vindouros, homens que ainda não existem, mas sobre o qual Nietzsche cria um personagem (Zaratustra) para apresentar a possibilidade de sua existência algum dia.

E como foi questionado no título, podemos dizer que Zaratustra pode ser equiparado ao Anticristo? Isto fica evidente pela forma como o Anticristo é aquele que fala com a linguagem das coisas divinas, mas não é divino, muito pelo contrário, é um arauto do profano. Como dito anteriormente, Zaratustra não quer seguidores, não tem Deus, não precisa falar pela boca de ninguém e nem que nenhum deus fale pela sua boca. Pelo seu discurso, pela sua maneira de falar, seus discípulos esperam de Zaratustra algo de ordem religiosa, algo da ordem clerical, um comportamento resignado e virtuoso, algum milagre, o que é imediatamente rechaçado. Isso fica evidente quando ele sai da caverna à procura dos gritos do *Übermensch* e encontra algumas figuras pelo caminho, mandando-as à sua caverna. Ao regressar para a caverna, eles estavam adorando um asno, e Zaratustra os repreende:

“O que aconteceu? O que é que eles estão fazendo? perguntou a si mesmo e dirigiu-se furtivamente à entrada para que pudesse observar seus convidados sem que eles o vissem. Mas, maravilha das maravilhas! O que foi então que viram os seus próprios olhos? ‘Eles todos voltaram a ser piedosos e estão rezando. Enlouqueceram!’ De fato, todos aqueles homens superiores [...] todos eles estavam adorando o asno”. (*Assim falou Zaratustra*, 2011, “*O despertar*”, p. 307).

Essa é uma das passagens da obra que mostra a que distância se encontra Nietzsche e é obvio, o próprio Zaratustra de alcançar alguma divinização através da sua postura. Zaratustra repreende os homens superiores na sua atitude de adoração do asno, mas nesta passagem, Nietzsche alude à necessidade humana de ídolos, utilizando inclusive a figura sacerdotal do papa aposentado, que toma para si a autoridade de tratar desse assunto que ele julgava entender mais do que Zaratustra. Neste posicionamento do papa aposentado, fica claro a maneira como a autoridade do profeta justifica o arrebanhamento dos interlocutores de deus, seja eles quais forem.

Nietzsche toma o cuidado de mostrar este distanciamento do divino e do que é Zaratustra. Mais do que deixar isso implícito no aspecto metafórico e figurativo da linguagem de Zaratustra, Nietzsche apresenta essa diferenciação na própria obra de maneira muito clara. Ele afasta seu personagem de toda e qualquer similaridade divina ou profética. Isto é o que direciona a nossa análise para um comparativo entre a linguagem de Zaratustra e a linguagem do Anticristo.

Há na linguagem bíblica, como “palavra revelada”, algo da ordem da sedução. Essa sedução se intensifica na plena justificação da afirmação da palavra na relação do homem com Deus como nos mostrou Austin (1990). A autoimplicação do homem em relação a “palavra revelada” de Deus encontra sua justificação nas doutrinas que a bíblia apresenta. As tábuas da lei apresentadas por Moisés são um exemplo clássico de doutrinas dadas por Deus por intermédio de um profeta. Mas a doutrina de Zaratustra é justamente uma anti-doutrina. Nietzsche faz uma alusão implícita às tábuas da lei quando Zaratustra apresenta as “Novas Tábuas (2011, p. 186)”. Em relação à sedução e a aproximação as metáforas bíblicas em Zaratustra, levemos em conta que:

“A manutenção da interpretação da linguagem bíblica como sedução e alheamento, portanto, não permite, a princípio, a analogia entre os Evangelhos e *Assim falava Zaratustra*. Apesar disso, todavia, permanece a inevitável impressão de certa consonância, não raras vezes ratificada pelo próprio Nietzsche”. (Leidens, 2015, p 109).

A aproximação entre Zaratustra e o Anticristo pode ser percebida também pela forma com que Nietzsche ratifica a semelhança metafórica com a bíblia como nos mostra Leidens (2015), mas, sobretudo pela distância que Zaratustra toma das coisas divinas. Não há dúvidas de que Zaratustra é também um arauto do profano, quando ele, paulatinamente durante toda a obra, vai desconstruindo qualquer imagem divina que fazem dele. E para além de operar essa desconstrução, fica evidente a sua postura “anticristã” quando ele vocifera abertamente contra os sacerdotes, chamados de “tarântulas”. Há um embate, há um ponto conflitante operado pela mesma linguagem. O divino e o profano se valendo de estruturas linguísticas parecidas, mas para objetivos praticamente opostos. É o que veremos a seguir quando analisaremos quais são as aproximações possíveis entre ambos.

OLIVEIRA, Cassiano Carlos Antônio de. *Zaratustra é o Anticristo? Considerações acerca da aproximação do sentido da estrutura linguística entre Zaratustra e a linguagem bíblica*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 189-204, 2017.

OLIVEIRA, Cassiano Carlos Antônio de. *Zaratustra é o Anticristo? Considerações acerca da aproximação do sentido da estrutura linguística entre Zaratustra e a linguagem bíblica*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 189-204, 2017.

4 A linguagem bíblica, a linguagem de Zaratustra e o Anticristo

Depois de expormos o sentido da linguagem bíblica e o sentido da linguagem na obra *Assim falou Zaratustra* (2011), é tempo de analisar ambas e perceber os pontos convergentes e divergentes na convocação de uma à outra. Este tópico será desenvolvido no sentido de perceber como as oscilações conceituais presentes no sentido das duas linguagens, podem proporcionar divergência ou convergência. Para além das análises das estruturas linguísticas de ambos os discursos recorrendo a Ladrière (1977) e Austin (1990), pesquisaremos ainda a relação de autoimplicação e da máxima: “Deus Existe”. A essas duas máximas interpostemos a postura antidoutrinal de Zaratustra e a máxima nietzschiana: “Deus está morto”. Entre essas duas análises, um eixo principal irá conduzi-las: é a investigação da aproximação entre a figura do Anticristo e a de Zaratustra.

A autoimplicação possui um aspecto linguístico de comprometimento com a “palavra revelada” e está diretamente ligada ao ato criador que estabelece uma relação entre criador e criatura pautada na fé. Deus fala através dos profetas, faz alianças, e deixa uma extensa doutrina como formas de preservar essa aliança. Em Zaratustra, este comprometimento com alguma divindade ou qualquer forma de fé é combatido. Os sacerdotes, que são as figuras mais próximas dos profetas bíblicos, são chamados de tarântulas, pregadores da morte, desprezadores do corpo, etc. Este conceito de autoimplicação tal como o adotou Ladrière (1977) é um ponto de extrema divergência entre o sentido da linguagem presente na bíblia e Zaratustra. Não há uma mensagem para arrebanhar fiéis ou passar algum preceito para a “vida boa” ou a “vida plena”. Zaratustra chega mesmo a execrar tal coisa:

“Agora, meus discípulos, irei sozinho! Também agora, vós deveis ir embora sozinhos! É assim que eu quero. Em verdade, vos aconselho: afastai-vos de mim e protegei-nos contra Zaratustra! Melhor ainda: envergonhai-vos dele! Talvez ele vos tenha enganado. O homem de conhecimento não deve apenas ser capaz de amar seus inimigos, deve também odiar seus amigos. Recompensa-se mal um mestre quando se permanece apenas como seu discípulo”. (Nietzsche, 2011, p. 81).

Aqui está representada a primeira das oscilações em forma de divergência entre o sentido da linguagem bíblica e o sentido da linguagem em Zaratustra. Isto nos convoca a pensar mais uma vez

sobre a aproximação entre o Anticristo e Zaratustra. Através do conceito de autoimplicação e a fala de Zaratustra acima mencionada, vemos claramente como o instinto messiânico fez com que o personagem da obra nietzschiana levasse a discussão para outro ponto da linguagem. Um ponto divergente até do que se esperava de alguém com grandes coisas para dizer. A autoimplicação se dá justamente neste esvaziamento que a criatura faz de si para ascender ao criador através da fé. Próprio da doutrina cristã, o Anticristo é alguém que caminha pela tangente e que também está “autoimplicado” com o criador, mas de uma maneira subversiva. Exatamente isso faz Zaratustra, mas não há empenho algum da sua parte. A sua relação com o que as pessoas acreditam ser o criador passa pela aniquilação da fé, o componente básico da autoimplicação. Neste sentido, tanto o Anticristo quanto Zaratustra desejam atacar este componente em comum dos homens: a fé.

O outro ponto consiste na análise das duas máximas “Deus existe” e “Deus está morto”, também perpassada pela discussão das figuras do Anticristo e de Zaratustra. Na máxima “Deus existe” o gesto implicativo tende a naturalizar a fé através de uma perspectiva sublime de justificação criadora de Deus. O homem passa a explicá-lo através de um contorno linguístico na relação com o sagrado, operado pela sua fé. Fica claro então que:

“A dinâmica linguística, quando considerada no contexto do Antigo Testamento, entre uma força ilocucionária divina e as respostas igualmente ilocucionárias dos homens, revelando uma adesão comissiva e comportamental, provoca, em consonância a isso, uma alteração vivencial nos homens. Estes passam a olhar para o mundo a partir de uma perspectiva nova, através da qual uma bela paisagem, a harmonia do funcionamento fisiológico de plantas e animais ou mesmo o papel reservado ao homem na criação ganham seu supremo sentido e valor: tudo é expressão da “glória de Deus”. (Ladrière, 1977, p. 113).

Este é um ponto em que Zaratustra também tem algo para dizer. Essa justificação, fruto da implicação do homem na sua relação com Deus, é algo que Zaratustra rejeita de todas as formas. Para além do repúdio ao culto, Zaratustra identifica nesta postura religiosa um forte fator de adoecimento e fraqueza humana. Já no seu primeiro diálogo, com a primeira pessoa com quem encontra, a saber, o santo na floresta, ele já fala com Zaratustra sobre Deus. Isso causa assombro no personagem nietzschiano que exclama resignado para si mesmo, (Nietzsche, 2011, p. 17, prólogo de Zaratustra): “Será possível? Esse velho santo em sua floresta, ainda não ouviu falar que Deus mor-

OLIVEIRA, Cassiano Carlos Antônio de. *Zaratustra é o Anticristo? Considerações acerca da aproximação do sentido da estrutura linguística entre Zaratustra e a linguagem bíblica*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 189-204, 2017.

OLIVEIRA, Cassiano Carlos Antônio de. *Zaratustra é o Anticristo? Considerações acerca da aproximação do sentido da estrutura linguística entre Zaratustra e a linguagem bíblica*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 189-204, 2017.

reu?”. Em algumas outras obras de Nietzsche essa frase aparece mais algumas vezes, mas vamos nos deter nesta aparição da obra que estamos analisando. Se Deus morreu, como fica agora o nosso intento de analisar a aproximação insuspeita entre Zaratustra e o Anticristo?

O objetivo do Anticristo na bíblia, de uma maneira geral, é unir forças antes do apocalipse para uma batalha final que eclodirá na volta de Jesus Cristo. Mas se “Deus está morto”, não há o que combater. Para Nietzsche há sim. Para além de uma morte do conceito, Nietzsche quer imputar a autonomia do ato do assassinato de Deus aos homens. Mas parece que esses não suportam tal fardo. Como nos diz o filósofo alemão:

“Novas lutas – Depois que Buda morreu, sua sombra ainda foi mostrada numa caverna durante séculos – uma sombra imensa e terrível. **Deus está morto; mas, tal como são os homens, durante séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada.** – Quanto a nós – nós teremos que vencer também a sua sombra!” (Nietzsche, *A Gaia Ciência*, §108).

Neste sentido, o dever do Anticristo é arrebanhar o máximo de aliados para lutar ao seu lado no chamado juízo final. Zaratustra pulveriza esse horizonte ao tratar a questão diretamente com os homens e não através da divindade. Com a morte de Deus, a sua sombra ressoa no fundo das cavernas e também no fundo dos corações dos homens. Nietzsche sabe que a amplitude da frase “Deus está morto” vai ribombar diretamente sobre aqueles que dizem “Deus existe”. O Anticristo vem com o mesmo propósito, porém Deus ainda paira no horizonte como um adversário a ser batido. A bíblia nos esclarece em João 2, 18-19:

“Filhinhos, esta é a última hora e, assim como vocês ouviram que o anticristo está vindo, já agora muitos anticristos têm surgido. Por isso sabemos que esta é a última hora. Eles saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos, pois, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; o fato de terem saído mostra que nenhum deles eram dos nossos”

Assim, entre as duas máximas “Deus está morto” e “Deus existe” há uma diferença notável na maneira como as duas se relacionam com o conceito de Deus. Para Zaratustra, com a morte de Deus, o homem é algo a ser superado e ele deve assumir para si mesmo o assassinato da divindade. A relação entre Zaratustra e os homens passa pelo conceito de Deus como a derrocada última da divindade, e do homem rumo ao *Übermensch*. Entre a morte de Deus e o seu intento, Zaratustra e o Anticristo trazem ambos o caráter de

convocação para a humanidade a se posicionar contra a divindade em prol de uma nova perspectiva para o homem.

5 Considerações finais

A autoimplicação do homem em relação a Deus, segundo Latrière (1977), traz consigo toda a carga de investimento semântico contida no sentido da linguagem bíblica. Mas em *Assim falou Zaratustra* (2011), percebemos a mesma potência semântica no seu discurso. Em ambos há uma aproximação entre a ação e a palavra. O que ambos pretendem é gerar um tipo de compromisso aos que recebem as suas mensagens. É prudente pensar então que:

“Na medida em que o conceito promove o supremo afastamento do corpo, e com isso, desde o início o discurso conceitual opera em um nível pretensamente objetivo e verdadeiro, tanto a *Bíblia* quanto *Zaratustra* partem (e aqui situa-se a consonância entre ambos), ao invés, de uma linguagem performativa e metafórica que atua de maneira inaugural. Ou seja, são condizentes em relação ao uso linguístico que não pretenda descrever um estado de coisas, mas *agem* na medida em que *dizem* e, aliado a isso, pretendem gerar um compromisso (uma força perlocucionária) em quem recebe esse modo de expressão. Para tanto, como vimos, os recursos tropológicos/retóricos (a metáfora, em especial) são largamente mobilizados na *Bíblia* e em *Assim falava Zaratustra*”. (Leidens, 2015, p. 113).

A potência semântica do sentido da linguagem de Zaratustra e da bíblia, como algo da ordem do que é condizente com o compromisso com o interlocutor da mensagem, nos leva a uma análise dos dois tempos presentes no discurso de Zaratustra. Mesmo mantendo a mesma estrutura linguística da bíblia, com aproximações de recursos (retóricos e metafóricos), Zaratustra opera um corte no seu discurso que apenas em um segundo momento se deslinda em um enigma. O fator de aproximação de Zaratustra com o Anticristo parte dos recursos linguísticos operados de forma paritária, daquele que “fala como nós, mas não é como nós”, e pode-se arrematar essa aproximação no segundo momento do seu discurso quando esse enigma traz em seu núcleo a subversão materializada na crítica à postura sacerdotal, religiosa e cristã dos homens.

Entre as duas máximas “Deus existe” e “Deus está morto”, é nítida a postura de ambas em relação ao conceito de Deus que cada uma vislumbra. Não há na bíblia outra interpretação a não ser a que contempla de forma totalizante toda a leitura da existência baseada

OLIVEIRA, Cassiano Carlos Antônio de. *Zaratustra é o Anticristo? Considerações acerca da aproximação do sentido da estrutura linguística entre Zaratustra e a linguagem bíblica*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 189-204, 2017.

OLIVEIRA, Cassiano Carlos Antônio de. *Zaratustra é o Anticristo? Considerações acerca da aproximação do sentido da estrutura linguística entre Zaratustra e a linguagem bíblica*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 189-204, 2017.

na justificação e glorificação de Deus. Este exercício constante de atestação da presença da divindade se concretiza no emprego linguístico dos recursos relacionados a “palavra de Deus” onde há um fim transcendental presente nas promessas em ambas as alianças presentes no antigo e novo testamentos. Há outro fator preponderante presente nesta implicação destacada por Ladrière (1977) que é a fé que Deus fala pelos homens, por homens escolhidos. E que se Deus fala com eles, pode falar com qualquer um.

Já em Zaratustra, Deus é algo que já não existe mais como uma entidade a ser justificada e muito menos glorificada. Aqui está o núcleo da subversão de toda a postura religiosa. Enquanto o homem religioso se implica na justificação da existência e glorificação de Deus, Zaratustra se assombra ao ver que o homem não entendeu ainda que Deus morreu. Como salientamos anteriormente, no segundo momento do discurso de Zaratustra é que ocorre o “golpe de martelo” em relação a esta postura religiosa. Quando ele condena os homens por tal subordinação a um Deus que morreu, mas que ainda ecoa nos corações dos homens, é a esse efeito que Zaratustra vocifera.

A linguagem aproximativa da bíblia é a maneira de Zaratustra buscar uma “trilha já aberta” de convencimento para tocar o âmago do coração dos homens. Sendo o Anticristo aquele que fala como Deus, Zaratustra fala através dos mesmos recursos bíblicos para operar justamente contra o efeito que esta “palavra revelada de Deus” causa aos homens. Zaratustra sabe que a sombra deste Deus que morreu irá ecoar nos homens por muito tempo, mas através de um ar profético para tempos vindouros, ele anuncia que a necessidade de enterrar de vez esse Deus deve ser revelada aos homens desde agora.

Zaratustra se aproxima do Anticristo não pela sua postura diante da divindade ou da maneira como vocifera contra os sacerdotes e os demais homens que ainda se mostram dependentes da religião. A aproximação se deve aos recursos linguísticos semelhantes aos da bíblia para subverter a própria mensagem da palavra revelada de Deus. Aquele que veio de nós, mas não fala como nós é, sem dúvida, o portador de uma mensagem que não é para este tempo. Assim, como o Anticristo aguarda o apocalipse para entrar em combate contra Deus, Zaratustra aguarda o tempo em que os homens finalmente enterrarão esse Deus que morreu.

Referências

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução e apresentação de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

JULIÃO, R. **Origem e composição da bíblia**. LinkedIn, 2017. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/origem-e-composi%C3%A7%C3%A3o-da-b%C3%ADblia-roberlan-juli%C3%A3o>.

LADRIÈRE, J. **A articulação do sentido**. Tradução e prefácio de Salma Tannus Muchail. São Paulo: EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

LEIDENS, F. Zaratustra e a linguagem bíblica: o problema da evidência e do encobrimento do autor na contraposição entre texto e palavra revelada. **Revista Estudos Nietzsche**, Espírito Santo, v. 6, n. 1, p. 97-115, jan./jun. 2015.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

OLIVEIRA, Cassiano Carlos Antônio de. *Zaratustra é o Anticristo? Considerações acerca da aproximação do sentido da estrutura linguística entre Zaratustra e a linguagem bíblica*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 189-204, 2017.